
Laços de ternura e sabedoria

Por que é importante reunir jovens e idosos

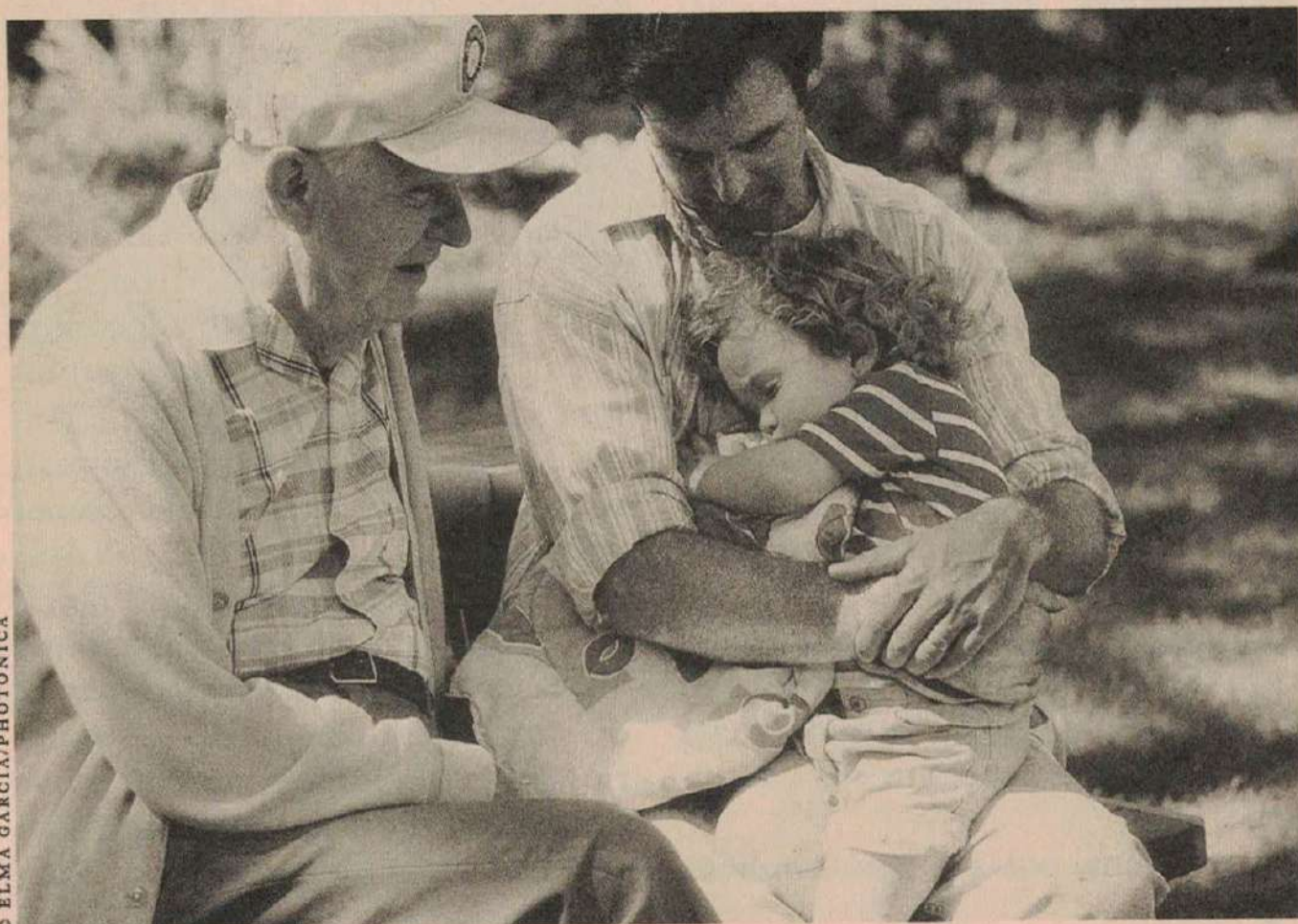
Por MARY PIPHER

ATÉ POUCO TEMPO, a maioria de nós convivia com pessoas de todas as gerações. Hoje podemos vir a ter contato com os idosos apenas quando nós mesmos estivermos relativamente velhos.

Isso porque agrupamos as pessoas pela idade. Colocamos as crianças de

3 anos em creches, as de 13 em colégios e centros esportivos, e as pessoas de 80 em lares para idosos. Por quê?

Segregamos os idosos por muitos motivos: preconceito, ignorância, falta de boas alternativas. Os mais jovens às vezes evitam os idosos para fugir do medo de envelhecer e morrer. A morte é mais fácil de su-



© ELMA GARCIA/PHOTONICA

Saber sem idade— Os bebês têm o espantoso poder de unir as pessoas.

portar quando é abstrata. É muito mais duro ver alguém que amamos definhar sob nossas vistas. Às vezes é tão difícil que nos afastamos daqueles que mais precisam de nós.

No entanto, essa experiência de segregação por idade traz alguns problemas. Dez adolescentes de 14 anos reunidos formarão uma cultura como a descrita no livro *O senhor das moscas*: competitiva e mesquinha. Mas dez pessoas entre 2 e 80 anos agrupadas estabelecerão uma hierarquia etária natural que irá nutrir e ensinar a todos. Para nossa saúde mental e social, precisamos reunir os grupos etários.

FELIZMENTE, alguns de nós encontraram o caminho até os mais velhos. E descobriram que eles muitas vezes salvam os jovens.

Uma repórter mudou-se com a família para um quarteirão onde moravam muitas pessoas idosas. A princípio, as crianças ficaram decepcionadas. Mas a mãe fazia pães para os vizinhos e mandava os filhos entregarem e fazerem visitas. Em breve as crianças tinham muitos amigos, com quem partilhavam comidas, histórias e planos. "Nunca mais meus filhos se sentiram sós", diz a repórter.

Os jovens, por sua vez, também

ajudam os velhos. Certa vez, eu estava numa casa de repouso quando uma visitante chegou com um bebê. Imediatamente se formou um círculo à sua volta. De repente, pessoas que não deixavam a cama havia uma semana tocaram a campainha, pedindo uma cadeira de rodas. Mesmo os que pareciam letárgicos despertaram para olhar a criança. Os bebês têm uma capacidade espantosa de confortar e curar.

Os avós constituem um caso à parte. Transmitem aos netos uma sensação de segurança e continuidade. Como diz meu marido: "Meus avós me davam a profunda impressão de que no fim tudo acabaria bem."

Os netos falam da atenção que não recebem dos pais estressados. "Meus pais estavam sempre me apressando, e meus avós me diziam para ir com calma", contou um amigo. Uma profes-

sora me disse que sabe quais crianças convivem com os avós: são mais tranquilas, mais calmas, mais confiantes.

Conheci uma artista, que chamei de Maeve, que sempre buscou a verdade longe de casa, em templos de meditação orientais e seminários. Certa vez, quando ela estava de partida para a Europa, a avó adoeceu e a família pediu que Mae-

Uma professora me disse que sabe quais crianças convivem com os avós: elas são mais calmas e confiantes.

ve cuidasse dela. A neta protestou, porém não havia mais ninguém disponível. Maeve morou com a avó durante seis meses – atendendo a suas necessidades médicas, cozinhando e dando-lhe banho –, até ela morrer. Pela primeira vez na vida, a preocupação de Maeve com outra pessoa era tão grande quanto a que tinha consigo mesma. A experiência modificou sua vida muito mais do que terapias e gurus.

MINHA VIDA também foi enriquecida pelo tempo que passei com meus parentes idosos. Nos últimos três anos, entrevistei minhas cinco tias, ouvi histórias da família, vi fo-

tografias e fiz refeições caseiras. Assim, hoje compreendo melhor meus próprios pais e a história de nosso país.

Apreendi também a arte de envelhecer. Passei a aceitar melhor os fatos, a ser mais agradecida. E fui testemunha da incrível equação da velhice: quanto mais se tira, mais amor se tem para o que restou.

Para aprender com os idosos, é preciso amá-los – não apenas abstratamente, mas em carne e osso – ao nosso lado, em casa, no trabalho, na igreja e na escola. Devemos trabalhar juntos para construir comunidades que nos permitam cuidar uns dos outros.

CARTEIRO SOFRE...



Sou carteiro e por isso aprendi a enfrentar muitos cães de guarda. Certa vez, enquanto entrava corajosamente em uma casa, fui atacado. Para minha surpresa, dessa vez não era um cão, mas sim um enorme galo! Assustado e sem jeito de me defender, saí correndo e tropecei, caindo ao chão, diante das risadas dos vizinhos.

No dia seguinte, expliquei a situação ao dono da casa. Para minha surpresa, ele já havia colocado um cartaz junto ao portão em que estava escrito:

“CUIDADO! GALO DE GUARDA.”

—ISMAEL CRISTIANO SCHNORR, *Sapiranga (RS)*

Minha prima Laurence, de 3 anos e meio, vestia uma blusa dada pela avó, uma saia presenteada pela mãe e uma calcinha comprada pelo reembolso postal, que o carteiro acabara de entregar.

Quando o pai chegou em casa, à tardinha, a menina correu para lhe mostrar suas lindas roupas novas.

— Olhe, papai, estou com a saia da mamãe, a blusa da vovó e a calcinha do carteiro!

—MYRIAM GRACIANETTE, *França*

ve cuidasse dela. A neta protestou, porém não havia mais ninguém disponível. Maeve morou com a avó durante seis meses – atendendo a suas necessidades médicas, cozinhando e dando-lhe banho –, até ela morrer. Pela primeira vez na vida, a preocupação de Maeve com outra pessoa era tão grande quanto a que tinha consigo mesma. A experiência modificou sua vida muito mais do que terapias e gurus.

MINHA VIDA também foi enriquecida pelo tempo que passei com meus parentes idosos. Nos últimos três anos, entrevistei minhas cinco tias, ouvi histórias da família, vi fo-

tografias e fiz refeições caseiras. Assim, hoje compreendo melhor meus próprios pais e a história de nosso país.

Apreendi também a arte de envelhecer. Passei a aceitar melhor os fatos, a ser mais agradecida. E fui testemunha da incrível equação da velhice: quanto mais se tira, mais amor se tem para o que restou.

Para aprender com os idosos, é preciso amá-los – não apenas abstratamente, mas em carne e osso – ao nosso lado, em casa, no trabalho, na igreja e na escola. Devemos trabalhar juntos para construir comunidades que nos permitam cuidar uns dos outros.

CARTEIRO SOFRE...



Sou carteiro e por isso aprendi a enfrentar muitos cães de guarda. Certa vez, enquanto entrava corajosamente em uma casa, fui atacado. Para minha surpresa, dessa vez não era um cão, mas sim um enorme galo! Assustado e sem jeito de me defender, saí correndo e tropecei, caindo ao chão, diante das risadas dos vizinhos.

No dia seguinte, expliquei a situação ao dono da casa. Para minha surpresa, ele já havia colocado um cartaz junto ao portão em que estava escrito:

“CUIDADO! GALO DE GUARDA.”

—ISMAEL CRISTIANO SCHNORR, *Sapiranga (RS)*

Minha prima Laurence, de 3 anos e meio, vestia uma blusa dada pela avó, uma saia presenteada pela mãe e uma calcinha comprada pelo reembolso postal, que o carteiro acabara de entregar.

Quando o pai chegou em casa, à tardinha, a menina correu para lhe mostrar suas lindas roupas novas.

— Olhe, papai, estou com a saia da mamãe, a blusa da vovó e a calcinha do carteiro!

—MYRIAM GRACIANETTE, *França*